

A Educação A Distância apoiada pelas TIC:

Limites, Desafios e Possibilidades

Denize de Souza Amorim

Universidade Castelo Branco, AVM Faculdade Integrada/Universidade Candido Mendes.

Resumo:

A sociedade da informação requer novas formas de aquisição do conhecimento que acompanhem o seu ritmo e supram as suas demandas, e a Educação a Distância (EAD) apresenta-se como a modalidade de ensino que mais se adéqua a essa demanda e, por isso, vem ganhando um espaço cada vez maior na educação brasileira. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar o papel que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) desempenham na Educação a Distância (EAD) e conhecer as limitações, os desafios e as possibilidades de sua utilização como ferramentas que auxiliam no processo ensino-aprendizagem e as modificações que elas impõem no relacionamento de docentes e discentes.

Palavras-chave: Educação a Distância (EAD); Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC); Sociedade da Informação; Interação; Ensino-aprendizagem.

Abstract:

The Information Society requires new forms of knowledge acquisition to keep up life and meet your demands and Distance Learning presents a kind of education most suited to this demand and, therefore, is gaining an ever greater space in Brazilian education. Therefore, the goal of present article is to analyze the role that Information and Communication Technology play in Distance Learning and to know the limitations, challenges and possibilities of its use as assisting tools on the teaching-learning process and the changes it imposes on the relationship of teachers and students.

Key Words: Distance Learning; Information and Communication Technologies; Information Society; Interaction; Teaching and Learning.

Introdução

Diante de uma sociedade em constante transformação, onde o acesso à informação e a tecnologia tornaram-se necessários para o desenvolvimento de diversas atividades cotidianas, a Educação se aperfeiçoou e aperfeiçoou os canais de comunicação entre seus agentes, adaptando-se a essa demanda por informação, preocupando-se com a disseminação e com a democratização do

acesso ao ensino e ao conhecimento. Nesse cenário, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apresentam-se como instrumentos mediadores da aprendizagem, oferecendo novas perspectivas para o desenvolvimento do processo educacional, facilitando o acesso ao conhecimento através de suas múltiplas linguagens - auditivas, hipertextuais, multimídicas, visuais – e favorecendo a procura e a oferta de cursos a distância por elas apoiados.

Nesse contexto, a Educação a Distância (EAD) apoiada pelas TIC apresenta-se como uma alternativa relevante na busca de alterar as perspectivas de formação superior no Brasil, porém necessita ainda de estudos aprofundados que contribuam para ampliar o conhecimento sobre a utilização das tecnologias na educação, e permitam o surgimento de ideias que auxiliem na melhoria e na ampliação desta modalidade de ensino. Pois, segundo Kenski (2007, p. 18), “este é também o duplo desafio para a educação: adaptar-se aos avanços das tecnologias e orientar o caminho de todos para o domínio e a apropriação crítica desses novos meios.”

Sendo assim, a complexidade dos cursos a distância, as características e os avanços das tecnologias envolvidas e seu uso por docentes e discentes motivam esta pesquisa que buscará conhecer as metodologias e as tecnologias disponíveis para a modalidade de EAD, quais as suas limitações, os desafios contemporâneos que se apresentam; entender como as TIC são empregadas, o papel que desempenham no processo ensino-aprendizagem e as novas possibilidades de sua utilização.

Assim, o presente artigo divide-se em três partes que buscam situar o leitor no universo das TIC, conhecer suas diferentes concepções, assim como os diferentes papéis que assumem frente ao processo ensino-aprendizagem, levando-o a refletir sobre a relação das Tecnologias da Informação e Comunicação e a Educação. São elas: (1) As TIC e seu papel no processo Ensino-Aprendizagem, (2) A Autonomia do Aluno e a Mediação Pedagógica e (3) O Ensino a Distância, suas Limitações, Desafios e Possibilidades Futuras, tendo como base as contribuições de José Manuel Moran (2000), Marcos Silva (2010), Paulo Freire (1996), Pierre Lévy (1999) e Vani Kenski (2003 e 2007).

1. As TIC e seu papel no processo Ensino-aprendizagem

A EAD já foi vista como uma modalidade de ensino auxiliar, uma opção de educação utilizada em circunstâncias particulares e com modelo tecnicista. Porém o advento da Internet e as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, somados à nova demanda por profissionalização, especialização, formação inicial e continuada, inspiraram o interesse das instituições e dos governos pela implementação do ensino a distância e, em 1996, a Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, oficializou esta modalidade de ensino no Brasil.

Hoje a EAD tornou-se um importante referencial para a implementação de algumas

mudanças necessárias à Educação Brasileira, inclusive para a formação inicial, ampliando as possibilidades de acesso ao ensino superior e destacando-se como uma alternativa não só para acelerar a formação, ou para dar continuidade a ela. Porém, esta modalidade de ensino, pela sua complexidade e pelas inovações que possibilita, enfrenta muitos desafios na implementação de seus programas, no desenvolvimento e utilização de novas metodologias e na formação de profissionais capacitados para lidar com elas.

Há ainda uma preocupação, e até mesmo uma oposição, quanto à implementação e aceitação desta modalidade de ensino, pois o uso das TIC ainda gera desconfiança, principalmente entre aqueles que desconhecem a sua utilização e como estas podem contribuir para flexibilizar o tempo e o espaço na educação. Porém o ensino a distância cresce cada vez mais e as tecnologias estão evoluindo, assim como as redes e os meios de comunicação empregados.

A evolução do ensino a distância é consequência de um movimento de evolução social e cultural onde tudo se organiza em torno das tecnologias, das redes, da comunicação, da interação e da interligação entre pessoas de lugares diversos que se unem no Ciberespaço. Nesse espaço é possível fazer quase tudo: estudar, comprar, vender, trabalhar, conversar, namorar... interagir. Vivemos hoje na “Sociedade da Informação”, e nela nasce a Cibercultura onde, segundo Kenski (2007, p. 36) “A capacidade de participar efetivamente da rede, na atualidade, define o poder de cada pessoa em relação ao seu próprio desenvolvimento e conhecimento.”

Essa nova sociedade caracteriza-se pelo uso massivo das TIC, que evoluem rapidamente e junto com elas padrões e comportamentos grupais e individuais também evoluem e/ou se alteram. Seu uso se estabelece na nova cultura e se torna tão corriqueiro que as mudanças e os avanços passam despercebidos por pessoas e grupos inteiros e, assim, novas descobertas e novas alterações vão acontecendo nas formas como as pessoas se socializam, como trabalham, como se comunicam, como informam-se, como ensinam e como aprendem, e a sociedade vai se acostumando a elas como parte de seu cotidiano.

A Cultura digital transforma o ritmo da sociedade. O novo hoje estará obsoleto amanhã, a todo momento surgem coisas novas e surge uma demanda por informação, conhecimento e atualização constantes. Diante disso, as tradicionais formas de educação inevitavelmente transformam-se junto com a sociedade, é preciso lançar-se ao novo, reinventar novas formas de aprender e ensinar, atualizar metodologias, currículos, técnicas e tecnologias para acompanhar o novo ritmo da informação. Nesse contexto, Lévy (1999, p.170) assinala que “as características da aprendizagem aberta a distância são semelhantes às da sociedade da informação como um todo (sociedade de rede, de velocidade, de personalização, etc.).”

É nesse cenário que as TIC destacam-se no ambiente educacional contemporâneo, onde elas não são (ou não devem ser) simplesmente mídias adaptadas aos velhos métodos de ensino, mas

instrumentos de mediação que norteiam professores e alunos para uma forma diferente de construir o processo ensino-aprendizagem, para uma nova forma de se fazer pedagogia, onde o Ciberespaço surge como um ambiente inovador, como um espaço pedagógico repleto de desafios e possibilidades.

Nesse novo espaço pedagógico da EAD, a internet apresenta-se como uma ponte para o acesso a variadas fontes de informação na rede, ou ciberespaço, onde surgem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) que apoiados por interfaces como correio eletrônico, fóruns, galerias, banco de dados, chats, links, etc., potencializam as experiências pedagógicas em um espaço onde é possível produzir, organizar, disponibilizar, pesquisar, manipular e intervir nos conteúdos utilizados no curso. Porém, sobre as possibilidades de acesso à informação que a internet nos permite, Lévy (1999, p. 25)) alerta que “A emergência do ciberespaço não significa de forma alguma que “tudo” pode enfim ser acessado, mas antes que o Todo está definitivamente fora de alcance.”

Nos ambientes virtuais de aprendizagem, desenvolvem-se processos cooperativos de aprendizagem, onde as tecnologias e as formas de comunicação disponíveis são exploradas e utilizadas como suportes para aquisição de novos conhecimentos, novas formas de ensinar, de aprender, de avaliar e de tratar a informação. Nos AVA, o processo ensino-aprendizagem diferencia-se do modelo presencial e/ou tradicional de ensino por três características: interatividade, hipertextualidade e conectividade onde, segundo Kenski (2007, p. 95):

Esses espaços virtuais de aprendizagem oferecem condições para a interação (síncrona e assíncrona) permanente entre os usuários. A hipertextualidade – funcionando como seqüências de textos articulados e interligados, entre si e com outras mídias, sons, fotos, vídeos, etc., - facilita a propagação de atitudes de cooperação entre os participantes para fins de aprendizagem. A conectividade garante o acesso rápido à informação e à comunicação interpessoal, em qualquer tempo e lugar, sustentando o desenvolvimento de projetos em colaboração e a coordenação das atividades.

Assim, o ensino apoiado pelas TIC modifica as formas de acesso à informação e conseqüentemente as práticas educativas, a organização e o acesso aos conteúdos. Diante disso, é necessário que os programas utilizados no ensino a distância sejam estruturados dentro dessa nova realidade, dentro dessa nova forma de se fazer educação.

Porém ainda verificamos programas tecnológicos de EAD desenvolvidos por empresas de informática, voltadas exclusivamente para o desenvolvimento de softwares, que oferecem interatividade, sons, imagens e formas atraentes mas que, apesar de planejados e executados com toda pompa tecnológica, são mal estruturados, com conteúdos, métodos de ensino e avaliação deficientes e, ainda, trazendo a sala de aula tradicional para dentro do computador.

Sobre isso, Silva (2010, p. 237) orienta que:

As potencialidades interativas do computador são enormes, mas seu uso, inclusive, até mesmo pelo software, pode obliterar sua natureza rizomática – como se sabe, a maioria dos softwares ditos “interativos” aplicados em educação reproduz um modelo de ensino enciclopédico, arborescente. Assim, o professor centrado na prevalência do falar ditar tem no computador e no software o aval das novas tecnologias interativas à sua prática educativa baseada na emissão de lições-padrão, que ele, equivocadamente, pode considerar e divulgar como sendo interativa.

A orientação de Silva (2010) nos leva a constatar que, embora sejam importantes suportes no processo ensino-aprendizagem, as TIC e os novos conceitos de EAD necessitam do amparo de projetos pedagógicos bem estruturados e programas de qualidade pedagógica desenvolvidos sob a orientação de profissionais da educação. A isso deve somar-se uma nova consciência de seus papéis por parte dos principais envolvidos no processo educacional - professores e alunos – onde os primeiros precisam estar capacitados para lidar com as tecnologias e com as novas formas de ensinar e aprender, e os alunos preparados para tornarem-se sujeitos autônomos, responsáveis diretos pelo seu aprendizado sob a orientação dos professores e o apoio das TIC.

2. A Autonomia do Aluno e a Mediação Pedagógica

Há uma grande expectativa quanto ao papel das TIC na educação, mas é necessária a compreensão de que estas são apenas instrumentos que irão auxiliar a prática educacional. Ensinar e aprender são desafios complexos e envolvem muito mais que metodologias, envolve pessoas e é a forma como estas irão interagir com as tecnologias que definirá como a aquisição do conhecimento se dará.

Os papéis de professores e alunos se ampliam na educação on-line, pois a criatividade, a curiosidade, a participação e a troca passam a fazer parte de suas atividades de maneira mais ampla e diferenciada. Não é uma questão de adaptação e sim de uma nova visão de educação, onde, diante das novas propostas e situações, seus papéis se complementam e as relações de reciprocidade se fazem presentes através de uma troca de experiências entre eles. Nessa nova proposta educacional o professor deixa de transmitir a informação e passa a confrontar seus alunos a respeito do que lhes é ensinado levando-os a refletir sobre os conteúdos. O espaço para trocas também se amplia, ele passa da sala de aula para o espaço virtual, através da internet, do e-mail, dos chats, dos fóruns. Nesse espaço a relação com o tempo também se modifica e a troca de informações pode acontecer em qualquer tempo e a partir de qualquer local.

Nasce assim a figura de um novo professor, que tem múltiplos papéis, que precisa se reinventar nesse novo espaço. Para isso criam-se programas no intuito de preparar os professores para lidar com as novas tecnologias, porém esses programas instruem esses profissionais apenas superficialmente, ensinando para eles conceitos básicos de informática sem um comprometimento

com a forma como estes conhecimentos serão utilizados didaticamente e ignorando as chances de ensino oferecidas pelas TIC.

As possibilidades de interação no espaço virtual são inúmeras, porém para produzir conhecimento, professores e alunos necessitam não só dominar as Tecnologias da Informação e Comunicação, eles precisam saber atuar nesse ambiente, torná-lo um ambiente propício à aprendizagem, onde se desenvolvam processos cooperativos de aprendizagem que ampliem a participação de todos em novas experiências pedagógicas.

A variedade das informações e a facilidade de acesso a elas trazem uma necessidade de visão crítica quanto ao que é realmente significativo, ao que é realmente conhecimento, e é aí que o papel do novo professor mostra-se necessário, ele passa a orientar a aprendizagem, a gerenciar a pesquisa e a estimular o aluno para uma análise crítica dos conteúdos. Onde, para Moran (2007, p. 29):

A aquisição da informação, dos dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados e relacioná-los, a contextualizá-los.

Esse professor facilitador não é mais uma fonte de conhecimento, mas um guia para alcançá-lo. Ele utiliza-se das tecnologias para incentivar os alunos à pesquisa. Seu falar-ditar é reduzido no ambiente on-line, o que existe é um ambiente aberto à exploração que irá conduzir à criação, onde o aluno deixa de ser expectador, deixa de receber passivamente a informação, ele ouve, contextualiza, critica, constrói, reconstrói e modifica o conhecimento.

Freire (1996, p. 33) nos orienta para a importância do professor como estimulador da curiosidade do aluno:

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de *respostas* a perguntas que não foram feitas. Isso não significa realmente que devemos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto houve. O que importa é que o professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Nessa nova sala de aula proporcionada pelas TIC e utilizada na educação a distância, o papel do professor e sua autoria diante dos alunos não é minimizada, ao contrário, ela é fundamental para que a participação dos alunos seja realmente válida e realizada de forma consciente e para que haja uma comunicação interativa.

Silva (2010, p. 27) denomina esta sala de aula de “sala de aula interativa”, onde:

A sala de aula interativa seria o ambiente em que o professor interrompe a tradução do fala/ditar, deixando de identificar-se como o *contador de histórias*, e adota uma postura semelhante a do *designer de software* interativo. Ele constrói um conjunto de territórios a serem explorados pelos alunos e disponibiliza co-autoria e múltiplas conexões, permitindo que o aluno também *faça por si mesmo*.

Ao falar de sala de aula interativa, de autonomia do aluno e de mediação pedagógica não há como não falar dos processos de avaliação que ocorrem neste novo cenário educacional. Aqui, como já foi dito, o aluno participa do processo ensino-aprendizagem e participação é sinônimo de interferência, de escolha, de modificação. Responder sim ou não a questões sugeridas põe por terra toda a proposta pedagógica válida para a educação a distância.

Nesse contexto, os meios disponíveis no ambiente virtual devem ser aproveitados: blogs, chats, fóruns, listas de discussão, etc., são instrumentos que devem ser utilizados pelo professor para acompanhar o desenvolvimento, o aprendizado, e a produção de seus alunos, pois são ambientes onde todos têm acesso às informações e podem publicar o resultado de suas pesquisas tornando-se conseqüentemente meios importantíssimos para avaliação no decorrer do curso.

Como a avaliação faz parte da aprendizagem, a avaliação também pode ser combinada, negociada, personalizada. E os cursos semi-presenciais se prestam muito bem para essa flexibilidade. No ambiente virtual, o professor pode atuar como orientador de pesquisa, de projetos, como consultor, tirando dúvidas, dando sugestões. Por isso, pode personalizar e tornar mais flexível o processo de avaliação. (MORAN, 2006, p. 534)

Pensar em autonomia do aluno e mediação do professor é repensar criticamente o paradigma tradicional de ensino. A mudança dos papéis de professores e alunos nesse novo modelo de educação é fator primordial para que as TIC desempenhem a sua função no processo ensino-aprendizagem, pois sem a consciência de que no centro do processo educativo na EAD estão professores e alunos e não as TIC, estaremos simplesmente utilizando novas tecnologias para fazer “o mesmo com suportes diferentes”.

3. O Ensino a Distância, suas Limitações, Desafios e Possibilidades Futuras

Após o reconhecimento da EAD como uma modalidade de ensino válida para a formação superior, muitas instituições de ensino privado se lançaram a ela com a impressão de que este era um mercado barato, com público-alvo garantido e de fácil implementação. Muitos avanços têm ocorrido desde então e a legislação, apesar de ainda ser detalhista ao ponto de restringir melhorias, tem avançado, porém ainda existem contradições que limitam essa modalidade de ensino.

Muitos caracterizam a educação a distância como a saída para sanar os problemas e as carências educacionais no Brasil, porém o desenvolvimento desta modalidade de ensino envolve diferentes aspectos da vida dos envolvidos no seu processo de implementação, sejam eles econômicos, sociais, políticos, culturais, ambientais, entre outros.

É fato que, com o apoio das TIC, a EAD amplia a oferta de cursos e minimiza obstáculos de tempo e espaço tornando-se uma alternativa para jovens e adultos que não tiveram acesso aos cursos presenciais de ensino superior, mas não pode ser vista como o meio para solucionar desigualdades educacionais, numa perspectiva de inclusão. Na idealização de seus programas são necessários investimentos em diversos segmentos, pois trata-se de um processo caro que requer políticas públicas para a sua concretização, de modo a não tornar-se mais um meio de exclusão, onde determinados segmentos da população que não utilizam, ou não sabem como utilizar as TIC, não sejam mais uma vez excluídos do processo educacional. Moran (2000, p. 12) confirma esta informação quando salienta que:

Como em outras épocas há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida, as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estarmos juntos e o estarmos conectados a distância. Mas, se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento.

Ainda, segundo Kenski (2003, p. 95):

A relação entre educação e novas tecnologias requer novos posicionamentos ligados à política e à gestão da educação. Esses novos posicionamentos dizem respeito à delimitação clara do papel do Estado na educação; aos objetivos e finalidades da educação em face das novas demandas sociais; à estrutura organizacional das instituições de ensino de todos os níveis; ao financiamento da educação; à universalização e à democratização do acesso a esses novos ambientes tecnológicos, por onde também se dá e se faz educação; às formas de valorização do magistério e às articulações com outras esferas sociais (que também oferecem educação).

O atual momento requer um repensar da educação, mas esse repensar deve ser conjunto, onde legisladores, instituições e profissionais de ensino devem estabelecer uma parceria que objetive a melhoria da EAD no Brasil. É necessário o desenvolvimento de propostas pedagógicas diferenciadas, onde as instituições não massifiquem seus cursos visando o lucro em detrimento do ensino, com cursos sem interação e organização. O ensino a distância não pode ser utilizado por instituições públicas para ampliar a oferta de vagas em cursos mal estruturados, muito menos para expandir os lucros da rede privada com cursos massificados. Isso não é democratizar o ensino nem oportunizar o acesso a ele, é mascarar uma forma de permanência da exclusão educacional com o

oferecimento de cursos sem qualidade.

As formas atuais de educação não sobreviverão na Cibercultura. A sociedade da informação demanda novas formas de ensinar e aprender, onde pensar, avaliar, criticar, modificar e construir os conhecimentos andam de mãos dadas. É necessário implantar cursos de EAD com modelos inovadores e as instituições que conseguirem isso estarão um passo a frente das que continuam insistindo em fazer do espaço virtual uma adaptação mais barata do presencial. Para isso, são necessários testes, experimentos, inovações, é necessário aperfeiçoar o que já existe, investir na formação dos profissionais e em tecnologias.

Como dito antes, outro fator que limita e desafia a EAD é a formação de profissionais capacitados para atuar nesta modalidade de ensino utilizando todas as possibilidades que as TIC oferecem. Sem um investimento em capacitação, o paradigma tradicional continuará presente no ensino on-line e o professor permanecerá desprovido de meios de interação e de construção coletiva do aprendizado, utilizando-se do computador e da internet apenas para transmissão de conteúdos previamente delimitados.

O computador, as TIC e a internet podem ser usados como uma modernização do giz, do quadro negro e do caderno, onde professores e alunos utilizam-se de editores de textos ou de apresentações de slides para continuar a fazer tudo do mesmo modo como na sala aula tradicional, apenas de forma mais atraente. Podem ainda tornar-se instrumentos de aprendizado que modifiquem as formas de ensinar, aprender, organizar ideias e atribuir novos sentidos à realidade, isso dependerá de como professores e alunos utilizarão essas ferramentas.

A EAD é um processo irreversível e a tendência é de que nada voltará a ser como antes em educação após o advento das TIC. Aprendizagem será a palavra chave da educação on-line, aprendizagem através de projetos colaborativos em rede, em que os cursos deverão excluir a forma de ensino com foco no decoreba e o aprendizado estará voltado à solução de problemas, onde o aluno contextualiza e utiliza cada conhecimento para novas descobertas que o auxiliarão na sobrevivência na sociedade da informação, tomando decisões, somando conhecimentos, crescendo e evoluindo junto com esta sociedade.

A EAD avança cada vez mais, torna-se cada vez mais complexa, seus modelos evoluem e se multiplicam, porém Kenski (2003) nos afirma que a teoria pedagógica ainda não está dando inteiramente conta dessa nova realidade educacional, que acabamos fazendo adaptações de antigas teorias e a realidade nos escapa. As tecnologias também avançam, se integram e se multiplicam e é necessário implantar modelos pedagógicos que avancem junto com elas através de cursos que possibilitem momentos de interação onde a facilidade de comunicação seja o diferencial, onde falar, ouvir e ver seus parceiros, colaboradores e colegas de qualquer lugar e a qualquer momento motive a busca pelo conhecimento. Esses cursos precisam ser flexíveis, avançados, variados e adaptados a

cada realidade. Silva (2010, p. 239) aponta que potencializar a sala de aula como um local onde se valoriza a realidade do aluno e sua inteligência é primordial em qualquer investimento em interatividade aplicada à educação.

Assim, é necessária a criação de ambientes virtuais realmente interativos, com ferramentas que objetivem a colaboração, a participação e a construção do conhecimento. Não adiantará, utilizar a internet e as TIC para oferecer aos alunos conteúdos estáticos, exercícios prontos, com respostas pré-estabelecidas. A interação é a base do ambiente virtual, da educação on-line.

Não basta, no entanto, o uso de novas tecnologias, máquinas e equipamentos para fazermos a reformulação necessária na educação. Isso poderia ser dispensável se a opção for privilegiarmos nas situações educacionais a principal condição para a concretização dessas propostas: o estímulo para a interação, a troca, a comunicação significativa entre todos os participantes. Mais ainda, o importante é que essas pessoas estejam reunidas em um determinado espaço com o objetivo maior de *aprender* juntas. Esse é o ponto de partida para o início de um novo modelo educacional diferenciado, que é a formação de comunidades de aprendizagens. (KENSKI, 2007, p. 111)

Avaliar nesse novo momento educacional também requer uma modificação de critérios. O acúmulo de informações não será o diferencial, assimilar e contextualizar essas informações será o fator fundamental num ambiente onde o aluno possa selecionar o que lhe é pertinente e gerar conhecimentos novos para sua vida.

É fato que a legislação em vigor estabelece a obrigatoriedade de avaliações presenciais, mas muitos cursos se valem desta premissa para continuar utilizando nos cursos a distância metodologias tradicionais de avaliação, como por exemplo, provas objetivas escritas, que se resumem a perguntas e respostas que visam avaliar o conteúdo assimilado e não levam em conta o desenvolvimento, a participação e a evolução do aluno em relação a temática e sua efetiva utilização. A avaliação nos cursos a distância deve ser contínua, abranger todas as fases do curso, todas as metodologias utilizadas, as pesquisas desenvolvidas e o trabalho do aluno como um todo.

Sobre o atual momento de nossa educação, Silva (2010, p. 188) acredita estarmos passando por uma crise, mas salienta que:

Acredito que tal “crise” não se resume às mazelas do modelo comunicacional “arborescente” que prevalece na educação. Entretanto, já me sinto como aqueles que dizem “estamos cansados da árvore”, creio que modificar esse modelo, promover efetivamente as bases da comunicação livre e plural – a participação, a bidirecionalidade e a multiplicidade de conexões – significa buscar a condição propícia para que a expressão própria da “crise da educação” se evidencie, em sua complexidade, na voz e na ação dos atores diretamente envolvidos com a sala de aula – professores e alunos -, e aí encontre formas de reação e de reinvenção da educação e da própria sociedade.

As mudanças não são fáceis, precisam ser graduais pra vencer cada desafio que ainda se apresenta, de modo que sejam implantadas as políticas públicas necessárias para superar as

desigualdades econômicas e de acesso as TIC, para que haja uma reorganização de currículos e leis, para a formação de profissionais habilitados para a EAD, para que os alunos tenham ciência da importância de sua autonomia, enfim, para que haja uma modificação dos padrões existentes sobre educação, pois nem todos estão preparados para avançar no mesmo ritmo em que as TIC.

Conclusão

Os projetos pedagógicos de EAD no Brasil estão ainda em fase de experimentação e muito se tem ainda a avançar. O atual momento exige mudanças significativas e os avanços podem ser mais rápidos com investimentos que começam por políticas públicas voltadas para a disseminação e ampliação do acesso à internet e às novas tecnologias, passando pela formação e capacitação de profissionais para dominar essas tecnologias em processos pedagógicos, a oferta de cursos de qualidade por instituições públicas e privadas com a estruturação voltada para as novas demandas sociais e a conscientização de que apenas utilizar as novas tecnologias para o ensino não resolve os problemas educacionais.

É difícil modificar os padrões de educação que existem e estão entranhados em todos os modelos de ensino, mas a intenção da EAD não é romper com a educação tradicional, é ampliar a visão de educação, é utilizar as TIC e a internet para potencializar o processo ensino-aprendizagem e ampliar a oferta de educação para os que não tiveram acesso a ela em função de diversos obstáculos que as novas tecnologias ajudam a reduzir.

A necessidade de modificação nas formas de ensinar e aprender não são condicionadas pelas TIC ou internet, é a sociedade da informação quem requer formas de aquisição do conhecimento que acompanhem o seu ritmo e supram as suas demandas. As TIC surgem para apoiar e potencializar os novos anseios dessa sociedade, reduzindo distâncias, ampliando espaços e possibilitando a interação, mas governos, gestores, educadores, alunos e a sociedade em geral devem aprender a utilizar as potencialidades dessas tecnologias para o processo ensino-aprendizagem e para encarar os novos desafios da sociedade da informação para que as TIC sejam realmente capazes de servir de apoio aos processos pedagógicos e de ferramenta para a democratização do ensino.

A questão aqui não é adaptar, é mudar para que a educação consiga seguir o novo ritmo da informação. Estamos avançando, mas é preciso mais, precisamos avaliar, inovar, experimentar, organizar, pesquisar, criar, promover, potencializar, produzir, expandir para realmente ensinar, aprender e incluir através do Ciberespaço e com o apoio das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Leis Ordinárias, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 06 junho 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas: Papirus, 2003.

_____. Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. O que aprendi sobre avaliação em cursos semipresenciais. In SILVA, Marco & SANTOS, Edméa (Orgs). Avaliação da Aprendizagem em Educação Online. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVA, Marcos. Sala de Aula Interativa. São Paulo: Edições Loyola, 2010.